

# Projecto energético pioneiro

O administrador da Climaespaço, João Castanheira, revela como foi possível implementar a Rede Urbana de Frio e Calor em Portugal. Um projecto inédito ao nível da eficiência energética.

**A Rede Urbana de Frio e Calor (RUFC) é um caso único em Portugal. De que forma funciona este sistema?**

Este conceito é de facto, ainda, um caso único em Portugal. E enfatizo o "ainda", porque a nossa expectativa é que este projecto se multiplique e espalhe a outras zonas do País.

O sistema da RUFC consiste em que, em vez de existir em cada casa ou em cada escritório equipamentos para produção de frio e de calor -, para aquecimento da água e de ambientes ou para ar condicionado, entre outros - existe, antes, uma central que, num determinado local, produz e distribui água já quente e gelada aos edifícios.

**Este sistema foi possível porque se trata de uma zona de construção de raiz, ou porque existe a tendência global para se utilizar energias alternativas?**

Esta rede surgiu num enquadramento muito especial: o evento da Expo'98, para o qual foram elaborados instrumentos específicos de gestão do território para a zona Oriental da cidade, assim como existiu a vontade de trazer as melhores tecnologias que estavam em sintonia com as prioridades políticas ambientais. A RUFC foi um desses exemplos. Na altura foi lançado um concurso internacional, tendo o nosso grupo sido escolhido para conceber, construir e financiar este projecto; aliás, esta rede já representa um investimento superior a 50 milhões de euros e que vai prosseguir. Cabe também à nossa empresa operar este sistema por um período de 25 anos. Como referiu, o facto de se ter promovido a construção de raiz de uma nova "cidade dentro da cidade", foi determinante para a implantação deste sistema.

**Há pouco falou da aplicação deste projecto a outros locais da capital e até do País. Isso é possível em zonas com um núcleo urbanístico já consolidado?**

Não só pode, como deve ser aplicado: Aliás, existe já a possibilidade de expandir esta rede às zonas periféricas do Parque das Nações e talvez à cidade do Porto.

No caso particular da Baixa de Lisboa - até porque pelo que sei está a candidatar-se a Património Mundial junto da UNESCO -, embora seja uma área envelhecida, é também uma zona forte em serviços, pelo que esta rede faz todo o sentido, ainda que possa ser de difícil aplicabilidade.

Disse difícil, mas não impossível. Até porque temos o exemp-



Luís Ferreira

lo de Paris, com um património antigo e consolidado no qual foi aplicado um sistema semelhante.

**Quase todos os edifícios do Parque das Nações já aderiram a este sistema, nomeadamente o Mar Vermelho, Portas do Tejo, Edifício Platinum e Colmeia V, candidatos aos "Óscares do Imobiliário". É da opinião que este facto pode diferenciá-los dos demais concorrentes?**

Tanto os edifícios construídos, como os que se encontram em fase de construção, salvo raras exceções, pertencem à RUFC. Nestes enquadram-se os edifícios da Vodafone, Sony, IBM, BMW, Edifor, Espírito Santo Viagens, entre muitos outros, aliás, posso referir que todos os edifícios de escritórios da zona têm este sistema.

Quanto à sua questão, somos da opinião que o facto desses edifícios terem este sistema faz toda a diferença e a comprovar estão as inúmeras vantagens de segurança (não existe possibilidade de explosão e intoxicações, pois dispensa os tradicionais aparelhos) e economia (reduz a factura económica das famílias e a factura ambiental do País). Aliás, tentamos passar precisamente essa ideia junto dos promotores imobiliários e dos potenciais clientes.

Na hora do júri se pronunciar, considero que este facto vai seguramente pesar na sua decisão, já que é uma mais valia única e que valoriza os respectivos edifícios. ■